

DESAFIOS E ADAPTAÇÕES PEDAGÓGICAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS NEURODIVERGENTES NA ESCOLA INCLUSIVA

Lucas Raquiel Appelt¹
Maria Pricila Miranda dos Santos²

RESUMO: A inclusão dos alunos neurodivergentes nas escolas do Brasil é um grande desafio, necessitando de uma reavaliação de práticas pedagógicas e curriculares que possam fazer com que as instituições brasileiras cada vez mais possam acolher e atender as singularidades dos alunos, analisando os principais obstáculos e as estratégias para a promoção inclusiva e equitativa, por meio do respeito à diversidade e as mais variadas formas de se aprender. Esse artigo, com isso, objetiva analisar os principais desafios enfrentados pelos espaços escolares na promoção da inclusão de alunos neurodivergentes, focando, especialmente nas mais variadas estratégias pedagógicas para a promoção de espaços que possam favorecer a educação inclusiva e equitativa. A presente pesquisa, de caráter bibliográfico, trouxe considerações pertinentes, por meio da análise crítica de produções em caracteres acadêmicos publicadas por meio de artigos científicos que versavam sobre a inclusão de alunos neurodivergentes no cenário escolar. Essa pesquisa demonstrou que, apesar de todos os avanços legais e teóricos, ainda há divergências no modelo educacional atual, sustentado por paradigmas que passam a priorizar a homogeneidade e a normalidade; marginalizando, desse modo, todas as singularidades dos alunos com neurodivergências. Buscando uma promoção efetiva da educação inclusiva, passa a ser fundamental que as escolas possam reavaliar seus currículos, metodologias e abordagens pedagógicas, possibilitando a criação de ambientes que possam valorizar a diversidade e respeitar todas as formas de aprendizado e desenvolvimento.

1

Palavras-chave: Educação inclusiva. Neurodivergências. Estratégias pedagógicas. Metodologias inclusivas.

ABSTRACT: The inclusion of neurodivergent students in schools in Brazil is a significant challenge, requiring a reevaluation of pedagogical and curricular practices that enable Brazilian institutions to increasingly embrace and address the unique needs of students. This involves analyzing the main obstacles and strategies for promoting inclusive and equitable education, through respect for diversity and various ways of learning. This article aims to analyze the key challenges faced by school spaces in promoting the inclusion of neurodivergent students, focusing especially on the diverse pedagogical strategies that can foster inclusive and equitable educational environments. The present research, of a bibliographic nature, provided relevant considerations through a critical analysis of academic productions published in scientific articles regarding the inclusion of neurodivergent students in the school context. This research demonstrated that, despite all legal and theoretical advances, there are still discrepancies in the current educational model, which is sustained by paradigms that prioritize homogeneity and normality, thereby marginalizing the uniqueness of students with neurodivergences. To effectively promote inclusive education, it is essential for schools to reevaluate their curricula, methodologies, and pedagogical approaches, enabling the creation of environments that value diversity and respect all forms of learning and development.

Keywords: Inclusive education. Neurodivergences. Pedagogical strategies. Inclusive methodologies.

¹Mestrando em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University.

²Doutora em Geografia pela UFPE. Docente da Veni Creator Christian University.

I INTRODUÇÃO

No transcorrer do tempo, no que compete a educação brasileira, diversos desafios surgiram para a inclusão de alunos neurodivergentes em escolas, onde, passaram a ser marcados pelas mais diversas tensões estruturais, onde seus currículos necessitam passar de uma simples presença, para a formação de sujeitos presentes no contexto escolar (Alves, 2024).

As marcas existentes para esse modelo normativo de escola, voltado para concepções homogêneas onde a aprendizagem fosse o alicerce de ensino, passou por diversas modificações que, em muitos momentos, dificultaram o acolhimento das mais diversas singularidades cognitivas e comportamentais dos alunos com transtornos de neurodesenvolvimento, tais como o Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, Dislexia, Discalculia, assim como outras especificidades (Benitez, 2025).

Vale, com isso, ser considerado a insuficiência na restrição de uma educação inclusiva às pessoas com neurodivergências e deficiências, fazendo-se necessário uma ampliação para os mais diversos olhares no que compete aos processos de ensino e aprendizagem, com seus mais distintos fenômenos, alavancando-se por múltiplas formas de ser, aprender e agir (Bezerra, 2025).

Desse modo, a escola necessita cada vez mais de formações para atender todo o seu público, respeitando a diversidade, o que implica em diversas ressignificações para seus mais variados fundamentos pedagógicos e políticos, criando currículos que possam regulamentar todos os saberes, para eliminar barreiras para uma eficaz efetivação da educação acessível (Carvalho, 2025).

Com isso, o maior desafio para a educação inclusiva encontra-se perante a formação de um olhar atento para a potência de todas as pessoas, sem observar seus déficits, promovendo adaptações que possam transformar toda a estrutura dos espaços que se inserem, para uma promoção educativa que seja justa e democrática (Castro, 2025).

Nesse cenário, buscando responder de forma clara essas questões, a presente pesquisa veio para questionar: qual a efetividade de estratégias pedagógicas que são desenvolvidas no cenário escolar para o real garantir a inclusão de alunos neurodivergentes, principalmente, ao se considerar os desafios enfrentados pelos alunos e profissionais da educação para essa escola participativa?

Esse artigo, com isso, objetiva analisar os principais desafios enfrentados pelos espaços escolares na promoção da inclusão de alunos neurodivergentes, focando, especialmente nas mais

variadas estratégias pedagógicas para a promoção de espaços que possam favorecer a educação inclusiva e equitativa. Por sua vez, especificamente, investigar, através de uma revisão bibliográfica detalhada, os deságios encontrados por alunos neurodivergentes no espaço escolar do Brasil; Examinar as referências bibliográficas acerca das práticas pedagógicas inclusivas que se voltem para um correto atendimento de todas as necessidades e particularidades dos alunos com transtorno de neurodesenvolvimento e; Identificar na literatura possíveis estratégias para um favorecimento da aprendizagem integral dos alunos neurodivergentes no espaço escolar.

Assim, trazendo um olhar atento para a urgência em compreender as múltiplas dimensões que permeiam a inclusão de estudantes neurodivergentes no espaço escolar, analisando os desafios para se criar um espaço educacional que não seja excludente e padronizado, mas que possa saber receber todas as particularidades, respeitando a diversidade e a interação humana; que possa repensar sobre suas estruturas, na busca por organizações práticas à luta da perspectiva inclusiva, ética e democrática.

Possibilitando, com isso, uma investigação detalhada acerca dos obstáculos enfrentados no cenário escolar, possibilitando um olhar atento que possa evidenciar lacunas formativas e institucionais, para uma contribuição evidente da construção de políticas públicas que respeitem e acolham a pluralidade de aprendizagem e pensamento, garantindo o direito à educação de qualidade para todos os alunos, independente de suas condições comportamentais e/ou cognitivas.

3

A presente pesquisa, de caráter bibliográfico, trouxe considerações pertinentes, por meio da análise crítica de produções em caráter acadêmico publicadas por meio de artigos científicos que versavam sobre a inclusão de alunos neurodivergentes no cenário escolar. Para tal, foram usadas como fontes de coletas, as bases de dados Scielo, Google Acadêmico e Portal de Periódicos da Capes, através do booleano *And*, seguindo os descritores: Educação inclusiva, neurodivergências, estratégias pedagógicas, metodologias inclusivas. Todo o material selecionado considerou os critérios de relevância à temática, rigor metodológico e recorte temporal dos últimos cinco anos (2020 – 2025), permitindo, com isso, trazer uma panorama atualizado em caráter analítico sobre os principais desafios encontrados e suas estratégias no transcorrer do tempo para a promoção de práticas inclusivas acessíveis para alunos neurodivergentes.

2 MARCOS TEÓRICOS E CONCEITUAÇÕES DA NEURODIVERGÊNCIA

No transcorrer da formação da educação brasileira, diversos foram os conceitos para a normalidade e adequação funcional, sendo utilizados, em muitos casos, como instrumentos para a exclusão, gerando impactos diretos sobre os sujeitos em que a constituição neurológica passasse a desafiar as estruturas convencionais de aprendizagem. A ideia da neurodivergência veio a aparecer como um contraponto desenvolvido para uma nova conceituação patológica, afirmando, que, existem múltiplas formas de funcionamento do cérebro, assim como ao desenvolvimento e formação de informações (Dezem, 2025).

Muito ainda tem a ser discutido, principalmente acerca da educação inclusiva, principalmente perante as mais diversas modificações na sociedade e como essa vê pessoas com deficiências ou neurodivergências, necessitando, com isso, de uma nova discussão acerca da educação inclusiva, onde, passe a não somente olhar esse público por meio de um eixo normativo que marginaliza toda e qualquer experiência de divergência (Ferreira, 2024).

Desse modo, a neurodivergência não é uma anomalia a ser corrigida, mas se forma como uma expressão legítima da diversidade de todos os seres humanos, necessitando de um reconhecimento eficaz, que possa acolher e integrar àqueles que a possuem em todo o processo pedagógico. A concepção de neurodivergência, em seu caráter mais amplo, pode ser discutido perante as divergências que incluem condições distintas como o Transtorno do Espectro Autista, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, Dislexia, Discalculia, e outras diversas (Graça, 2025).

Trata-se de um paradigma responsável por desafiar e classificar binariamente entre normais e anormais, propondo a valorização das singularidades, assim como a revisão de possíveis modelos tradicionais de ensino. Acerca da educação inclusiva, a escola necessita ser desenvolvida como um espaço para as mais diversas produções de sentidos, em que seus sujeitos não estejam classificados por déficits, mas sim por todas as suas potências no que compete ao seu desenvolvimento (Nogueira, 2025).

Por meio de uma leitura crítica acerca da função social que a escola desempenha, é notável que se deve considerar qual o papel desenvolvido pelas instituições para trazer pautas distintas para o acolhimento e criação de dispositivos que possam favorecer o desenvolvimento dos alunos, sem possíveis hierarquizações impostas por critérios clínicos e estatísticos. Nesse sentido, pensar sobre o desenvolvimento da escola apresenta implicações que passam a deslocar o foco na deficiência para com isso, trazer considerações acerca da estrutura de ensino,

colocando uma responsabilização primordial na instituição para um ambiente de efetivo desenvolvimento equitativo (Ridolfi, 2025).

A neurodivergência, desse modo, não deve ser considerada como um obstáculo à educação, mas deve vir a ser considerada como uma reinvenção de todas as práticas pedagógicas na busca por criar relações escolares perante a ética da pluralidade e, para tal, necessita criar mecanismos de aprendizagem que possam trazer a inclusão, não como um favor, mas como um direito que é inalienável (Sampaio Neto, 2025).

A prática inclusiva deve ser efetivada, principalmente quando articulada ao compromisso ético com a diversidade, requerendo que a escola traga mudanças profundas em suas estruturas organizacionais, curriculares e formativas; considerando que ao invés do aluno ter que se adaptar a escola, é a escola que deve se adaptar à todos os sujeitos que dela fazem parte. A inclusão, nesse viés, de alunos neurodivergentes passa a exigir que a boa vontade traga ações concretas, criando políticas públicas que possam formar todos os membros da escola para um reconhecimento adequado com a valorização das diferentes formas de aprendizagem (Tenório, 2025).

Desse modo, a inclusão escolar deve ser analisada em todos os viés, sejam estes históricos ou institucionais, apresentando a evolução da inclusão no Brasil e todas as contradições que fizeram parte dessa, onde, muitas vezes, as próprias políticas públicas que deveriam promover a integração, acabaram por reforçar os elos de segregação. Por sua vez, mesmo com esses marcos legais que foram estabelecidos pelos direitos à educação para todos, inclusive aos alunos neurodivergentes, ainda existem marcas de um modelo escolar que vem a privilegiar a normalidade e homogeneidade como parâmetros de desenvolvimento (Walter, 2024).

Todas as tensões que se formam revelam um distanciamento entre o discurso em caráter normativo a realidade que é concreta dentro das escolas, onde alunos neurodivergentes ainda permanecem à margem da sociedade, enfrentando barreiras físicas, atitudinais e metodológicas. Assim, deve-se cada vez mais discutir todas as barreiras que alicerçam a falta de uma estruturação adequada, dando, com isso, um maior preparo para os professores poderem criar métodos para suas aulas com todos os tipos de alunos (Tenório, 2025).

Acerca dos professores, deve-se considerar que em diversos momentos, estes, acabam por reproduzir práticas excludentes, até mesmo desconhecidas ou pela falta de um apoio institucional; onde, em muitos casos, esses professores vieram de modelos tradicionais de ensino, onde não havia uma contemplação de abordagens críticas sobre a neurodivergência e

como construir metodologias para lidar com todo e qualquer desdobramento no meu acadêmico (Tenório, 2025).

Desse modo, as demandas dos alunos neurodivergentes muitas vezes não são deixadas de lado, partindo de negligências, perpetuando uma lógica voltada ao assistencialismo que não efetiva contribuições necessárias para a instauração de uma escola inclusiva. Junto a isso, a discussão acerca desses marcos teóricos que discutem a inclusão passam pela necessidade de uma reestruturação do repensar para todos os fundamentos epistemológicos que foram a educação; necessitando de propostas que rompam com os pressupostos de uma modernidade pedagógica, por meio do conhecido como racionalidade técnica, através da normalização dos corpos, para uma efetivação da inclusão (Ridolfi, 2025).

A educação inclusiva não deve ser considerada, desse modo, apenas como um conjunto de práticas voltadas a determinados grupos, mas sim analisada como uma norma forma de compreensão que veja a escola, o conhecimento e as práticas de ensino e aprendizagem como um meio para se debater as nuances de efetivação da escola inclusiva, por meio do debate também de que a neurodivergência deve ser situada e garantida perante a formação da condição humana (Ridolfi, 2025).

Por meio dessa perspectiva pedagógica com principal destaque para as problematizações da educação inclusiva, nota-se evidências para as mais diversas práticas pedagógicas que são indiferentes, onde há exclusão de alunos neurodivergentes, em que a forma de aprender necessidade de formações diversas que respeitem a diversidade entre as pessoas. Assim, esse olhar pedagógico deve se adaptar para a criação de materiais que possam ofertar atividades alternativas, com uma reestruturação de todo o planejamento didático, sempre respeitando interesses, ritmos e competência de todos os alunos (Sampaio Neto, 2025).

Desse modo, a inclusão deve ser analisada de forma que a ética seja evidente, estando ancorada em um reconhecimento dos alunos neurodivergentes como plenos, que possam palavra, saber e presença entre tudo aquilo que está sendo realizado. A neurodivergência, nesse sentido, não é um problema a ser solucionado, mas se forma como uma condição a ser compreendida na sua principal complexidade, sendo respeitada todas as formas de singularidade (Sampaio Neto, 2025).

Os desafios, com isso, de se ter uma educação inclusiva coerente, está particularmente no atendimento que é destinado aos alunos neurodivergentes, por meio de uma intensificação de suas evidências, que possam compreender todas as fragilidades estruturais, para que se criem

experiências e adaptações voltadas ao público neurodivergente. Por meio da criação de políticas públicas voltadas às especificidades será reforçado o repensar das políticas educacionais, com a inclusão dos sujeitos diversos para um tratamento eficaz em caráter educacional, que deve compor as decisões pedagógicas e curriculares para uma orientação daquilo que se deseja construir para o futuro de todos os alunos (Sampaio Neto, 2025).

3 PRÁTICAS INCLUSIVAS PARA ALUNOS NEURODIVERGENTES NAS ESCOLAS

A neurociência é uma ciência voltada a oferecer perspectivas distintas para a compreensão e manejo adequado das necessidades de alunos com neurodivergência no espaço escolar, onde, seus avanços, acabam por possibilitar tratamento e abordagens que são inovadoras para a permanência em espaços escolares, por exemplo, de alunos com transtornos neurológicos, responsáveis por modificar a vida de milhares de pessoas (Alves, 2024).

Essa progressão é responsável por beneficiar a educação, apresentando implicações distintas para o campo educacional, uma vez que permite a criação de estratégias pedagógicas que estejam alicerçadas para o bom desenvolvimento do Sistema Nervoso Central. Trazendo, com isso, um conhecimento voltado a promover as melhorias na qualidade de vida das pessoas, podendo contribuir para soluções práticas de problemas educacionais à inclusão, reforçando a necessidade de conversas e discussões adequadas para a promoção de uma educação com equidade (Alves, 2024).

Essas intervenções necessitam de uma personalização, considerando especialmente as particularidades individuais de cada aluno, promovendo mecanismos bem estruturados para atender não somente suas necessidades, mas para uma potencialização do desenvolvimento científico e socioemocional destes (Ferreira, 2024).

Para tal, essa personalização necessita se formar como uma ferramenta indispensável para a promoção da inclusão com equidade, sempre tendo um alinhamento para contribuições que efetivem os direitos dos alunos neurodivergentes, por meio de diferentes mecanismos de formação de currículos, que venham a emergir como estratégias primordiais para um atendimento amplo às demandas dos alunos com excepcionalidade (Ferreira, 2024).

Essa prática vem a garantir uma adaptação de todos os conteúdos e métodos de ensino, trazendo abordagens que possam fundamentar avanços coerentes para a propor um ambiente de aprendizado mais inclusivo, reforçando que todas as práticas inclusivas devem garantir um

atendimento eficiente ao aprendizado, independente das habilidades ou necessidades de seus alunos (Ferreira, 2024).

Assim, programas de enriquecimentos podem acelerar o currículo, principalmente ao propor estratégias eficazes para um atendimento adequado às habilidades, assim como a todas as necessidades que advêm das particularidades de cada aluno; onde, essas práticas, possam permitir que os alunos passem a explorar seus interesses e talentos em prol de receber uma educação de qualidade (Carvalho, 2025).

Com a implementação desses programas, as escolas passarão a criar ambientes voltados ao engajamento e ao pertencimento dos alunos e, com isso, promovendo uma inclusão em caráter escolar que possam entrar em sintonia com todas as particularidades, por meio de uma defesa a inclusão que devem ser respaldada por ações concretas e políticas efetivas, para garantir práticas educacionais fundamentadas em evidências que concretizem os direitos dos alunos neurodivergentes (Carvalho, 2025).

Todos os avanços científicos devem, com isso, ser responsáveis por um favorecimento às soluções para os problemas da educação inclusiva, propondo ferramentas que possam ser transformadoras para uma educação mais inclusiva em que as escolas possam adotar propostas integradas, combinadas com estratégias pedagógicas personalizadas para conhecimentos da neurociência, em prol de garantir que todos os alunos, consigam chegar ao seu pleno potencial (Castro, 2025).

4 DESAFIOS E PRÁTICAS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE ALUNOS NEURODIVERGENTES

Mesmo com todos os avanços teóricos e legais, ainda há necessidade de trazer mais políticas públicas para a efetivação de práticas inclusivas, principalmente quando se analisa a falta de uma legislação específica que possa discutir a escassez de recursos pedagógicos e uma estruturação física adequada para os mais diversos obstáculos recorrentes do contexto educacional nacional.

Por sua vez, diversas são as discussões apontadas pela literatura que descrevem caminhos promissores para a efetivação de uma educação mais inclusiva, principalmente no que compete às aprendizagens apresentadas por meio de metodologias ativas, em que a aprendizagem por meio de projetos e métodos de interação por pares, acabam por efetivar uma maior valorização das diferentes formas de pensamento e expressão. Junto a isso, o fortalecimento de uma formação continuada para os professores é de fundamental importância para o avanço da escola

inclusiva, onde as mais variadas articulações podem ser elos de apoio para a criação estratégica de metodologias que consolidam a prática inclusiva desses alunos (Alves, 2024).

Se faz necessário, que todos os professores possam desejar utilizar estratégias para a melhoria de seu ensino, possibilitando que os alunos venham a receber estímulos adequados, para um fortalecimento de conexões nervosas, que efetivem o aprendizado. Por meio de técnicas que possam incentivar a interação, respeito ao próximo, experiências diárias e conteúdos didáticos inclusivos, o aluno passará a se sentir mais pertencente ao ambiente de aprendizado, podendo, com isso, ampliar suas próprias potencialidades (Carvalho, 2025).

Com isso, se faz necessário considerar a neurodivergência como um fator natural, sendo imprescindível compreender e respeitar todas as particularidades de cada pessoa, reconhecendo que cada pessoa é parte de um universo real, onde, deve-se refletir especialmente para o contexto escolar, criando estratégias para auxiliar o bom desenvolvimento da autonomia dos alunos neurodivergentes, com as melhorias da autoestima e a ampliação de suas potencialidades para o ato de desvincular a ideia de um “tratamento” aos alunos e, por consequências, desenvolvendo o ato de “pertencimento” destas para uma diversidade enquanto elemento natural, do qual todas as pessoas fazem parte (Bezerra, 2025).

O aprendizado, nesse sentido, ocorre especialmente de forma distinta, onde cada aluno vive e vivenciar de um modo; em que alguns podem compreender melhor determinadas informações, enquanto outros se desenvolvem melhor pelo lado visual, assim como pelo auditivo; não devendo determinar os meios para que todos aprendam, mas olhando que todas as concretizações de pensamentos não se formam iguais, mas sim demandam uma personalização da possibilidade de trazer um aprendizado para cada situação (Castro, 2025).

Assim, diversas estratégias são capazes de modificar esse pensamento, trazendo novas formas de ensino, assim como uma personalização dos pensamentos daqueles que ensinam, para determinar a criação de novas estratégias pedagógicas que possam atender as necessidades individuais de cada elemento, considerando tudo o que gira e vive ao seu redor, para assim, trazer uma educação com equidade à todos (Castro, 2025).

Devendo, com isso, apresentar aulas menos tradicionais, respeitando as metodologias que possam atender as necessidade de todos, onde uma adaptação do currículo possam ser garantido como uma ferramenta para o ensino de qualidade que possa efetivar mecanismos para novas possibilidades de interação entre os pares, com o desenvolvimento social dos alunos; através de um trabalho que foque especialmente na interação dos sentidos, na busca por garantir

uma estimulação multissensorial, que possa formar momentos de interesse para todos as crianças dentro dos espaços escolares (Bezerra, 2025).

Despertar esse interesse é de fundamental importância, especialmente para que o aluno possa sentir-se abraçado pelo espaço escolar; desse modo garantindo um aprendizado real que possa permitir que se fortaleçam conexões e respostas aos estímulos que cada pessoa deve apresentar para a vivência em comunidade, onde, na educação, essas possam determinar metodologias de ensino distintas para favorecer a aprendizagem igualitária de todos (Castro, 2025).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando o exposto no transcorrer deste artigo, nota-se que há diversos desafios para a efetivação da educação inclusiva no Brasil, especialmente no que compete aos alunos neurodivergentes, revelando, com isso, a complexidade e a necessidade iminente de políticas públicas que possam transformar as práticas pedagógicas atuais.

Essa pesquisa demonstrou que, apesar de todos os avanços legais e teóricos, ainda há divergências no modelo educacional atual, sustentado por paradigmas que passam a priorizar a homogeneidade e a normalidade; marginalizando, desse modo, todas as singularidades dos alunos com neurodivergências. Buscando uma promoção efetiva da educação inclusiva, passa a ser fundamental que as escolas possam reavaliar seus currículos, metodologias e abordagens pedagógicas, possibilitando a criação de ambientes que possam valorizar a diversidade e respeitar todas as formas de aprendizado e desenvolvimento.

É necessário também criar formações continuadas para os professores, sendo estes, um dos pilares essenciais para a formação de práticas inclusivas que de fato sejam eficazes para o bom desenvolvimento de todos os alunos; sendo fundamental que os professores possam ser capacitados para lidar com as diferenças no ambiente escolar, criando métodos que possam trazer uma maior acessibilidade e equidade.

A pesquisa evidenciou a importância da formação continuada, principalmente como meio sensibilizador aos educadores sobre as potencialidades e desafios que são enfrentados por alunos neurodivergentes, garantindo que todos possam ter oportunidades para o bom desenvolvimento de um espaço que seja verdadeiramente acolhedor e estimulante para todos os alunos.

Com isso, é necessário um reconhecimento das limitações deste estudo, principalmente ao se construir perante uma pesquisa bibliográfica, necessitando de abrangência as mudanças e realidades vivenciadas pelas escolas brasileiras. Futuros estudos podem vir a explorar de maneira mais aprofundada as experiências dos alunos neurodivergentes, assim como as práticas pedagógicas adotadas, incorporando pensamentos e experiências de professores, alunos e suas famílias. Junto a isso, a pesquisa é um elemento beneficiador a novos pesquisadores, possibilitando um olhar atento para políticas públicas e diretrizes educacionais que traduzam as práticas diárias das escolas, buscando a formação de uma escola mais inclusiva e com equidade que requer o comprometimento por parte de todos os envolvidos para a inovação igualitária de todos os processos educacionais.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. A. de S.; SOARES, V. R. de S. Políticas públicas para o acesso e permanência de estudantes neurodivergentes na Educação Básica. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, Brasil, São Paulo, v. 7, n. 16, p. e161236, 2024. DOI: 10.55892/jrg.v7i16.1236. Disponível em: <https://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/1236>. Acesso em: 20 nov. 2025.

BENITEZ, Maria Aparecida Lopes. EDUCAÇÃO INCLUSIVA NEURODIVERGENTE NA CIDADE DE FOZ DO IGUAÇU: DO DISCURSO À PRÁTICA . *DESENVOLVIMENTO, FRONTEIRAS & CIDADANIA*, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 69–85, 2025. DOI: 10.61389/dfc.v9i1.9610. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/fronteracidadania/article/view/9610>. Acesso em: 20 nov. 2025.

BEZERRA, J. R. da S. DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA DOCENTES AUTISTAS: ANÁLISE DAS NECESSIDADES E OPORTUNIDADES EM AMBIENTES EDUCACIONAIS INCLUSIVOS. *Revista OWL (OWL Journal) - REVISTA INTERDISCIPLINAR DE ENSINO E EDUCAÇÃO*, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 436–447, 2025. DOI: 10.5281/zenodo.15597578. Disponível em: <https://www.revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/388>. Acesso em: 20 nov. 2025.

CARVALHO, L. C. de; AMANCIO, I. L. N.; COSTA, G. E. S.; GOMES, T. C. O.; MEDEIROS, E. R. de; SILVA, M. A. de M.; CARIOLANO, N. G.; SILVA, K. C. da; NOBRE, E. C. M. Estratégias de Análise do Comportamento para a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais em salas de aula regulares. *Cuadernos de Educación y Desarrollo - QUALIS A4*, [S. l.], v. 17, n. 5, p. e8251, 2025. DOI: 10.55905/cuadv17n5-007. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/8251>. Acesso em: 20 nov. 2025.

CASTRO, Yandra Katiuscia Moreira de. AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SUPORTE PSICOLÓGICO PARA PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL: DESAFIOS E IMPACTOS NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS NEURODIVERGENTES. *Revista Ibero-*

Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], p. 16–220, 2025. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/18337>. Acesso em: 20 nov. 2025.

DEZEM, L. T.; MELO, D. S.; LEITE, F. L.; NETO, H. C.; MENDEZ, A. V.; SILVA, T. P. C. da; PEDRO, A. M. Neurodiversidade na perspectiva da educação inclusiva: um enfoque interdisciplinar entre saúde e educação. *Caderno Pedagógico*, [S. l.], v. 22, n. 12, p. e20368, 2025. DOI: 10.54033/cadpedv22n12-003. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/20368>. Acesso em: 20 nov. 2025.

FERREIRA, Vânia da Silva. A NEURODIVERSIDADE NA ESCOLA E A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS ARTICULADAS. *Revista Nova Paideia - Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa*, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 1017–1026, 2024. DOI: 10.36732/riep.v6i3.603. Disponível em: <https://ojs.novapaideia.org/index.php/RIEP/article/view/603>. Acesso em: 20 nov. 2025.

GRAÇA, J. C. dos A. . Atipicidade e educação: inclusão de alunos e salas regulares. *Revista Científica FESA*, [S. l.], v. 3, n. 28, p. 130–145, 2025. DOI: 10.56069/2676-0428.2025.653. Disponível em: <https://revistafesa.com/index.php/fesa/article/view/653>. Acesso em: 20 nov. 2025.

NOGUEIRA, Samia Santa Brigida; BRIGIDA, Angela Costa Santa; COSTA, Daniana de; GONCALVES, Cledson Santana Lopes. IMPACTOS DA TUTORIA DOMICILIAR EM ESTUDANTE NEURODIVERGENTE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA. *Ensaio Pedagógicos*, [S. l.], v. 9, n. 2, p. p.105–124, 2025. Disponível em: <https://ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/431>. Acesso em: 20 nov. 2025.

12

RIDOLFI, L. F.; BAHIA, L. M. A.; GARCIAS, S. D. R.; SOUSA, R. A. M.; GUEDES, C. F. R. Inclusão de estudantes neurodivergentes no ensino regular: análise crítica e proposta de guia para a formação docente. *Cuadernos de Educación y Desarrollo - QUALIS A4*, [S. l.], v. 17, n. 9, p. e9469, 2025. DOI: 10.55905/cuadv17n9-093. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/9469>. Acesso em: 20 nov. 2025.

SAMPAIO NETO, Otávio Cruz; SILVA, Maria da Conceição Saraiva da. Desafios para um Modelo Pedagógico de Suporte a Estudantes Neurodivergentes na Graduação em Saúde. *ID on line. Revista de psicologia*, [S. l.], v. 19, n. 78, p. 369–377, 2025. DOI: 10.14295/idonline.v19i78.4287. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/4287>. Acesso em: 20 nov. 2025.

TENÓRIO, Maelem Aragão; BASTOS, Jaqueline Mendes. DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS PROFESSORES NA IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NAS ESCOLAS PÚBLICAS. *Revista Acadêmica Online*, [S. l.], v. 11, n. 59, p. e1670, 2025. DOI: 10.36238/2359-5787.2025.V11N59.1670. Disponível em: <https://www.revistaacademicaonline.com/index.php/rao/article/view/1670>. Acesso em: 20 nov. 2025

WALTER, Renato; KLAUCH, Jorge José; JUNIOR, Izaias Nunes de Lima; NEVES, Maria Leide Moreira; JÚNIOR, José Ribamar Marques de Araújo. LINGUAGEM INCLUSIVA: QUEBRANDO BARREIRAS E CONSTRUINDO UMA EDUCAÇÃO MAIS JUSTA. ARACÊ , [S. l.], v. 6, n. 4, p. 17730-17742, 2024. DOI: 10.56238/arev6n4-391. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/2503>. Acesso em: 20 nov. 2025.